 ISBN: 978-85-87942-61-6

GT 025. Cidades, turismo e experiências urbanas

Juliana Gonzaga Jayme (PUC Minas) - Coordenador/a, Lea Carvalho Rodrigues (Universidade Federal do Ceará) - Coordenador/a, Wânia Maria de Araújo (Universidade do Estado de Minas Gerais e Centro Universitário Una) - Debatedor/a, Vera Maria Guimarães (UNIPAMPA) - Debatedor/a, Maristela Oliveira de Andrade (Universidade Federal da Paraíba) - Debatedor/a)

Desde a 29? RBA, coordenamos um GT, cuja proposta ? contribuir para as discuss?es no ?mbito da antropologia urbana e do turismo. Assistimos, de um lado, ?s pol?ticas urbanas comuns nas metr?poles, em especial em suas ?reas centrais e pericentrais, voltadas para as chamadas requalifica?es que, muitas vezes, v?o ao encontro da ideia de marketing urbano, com interven?es em edif?cios hist?ricos, que se tornam lugares de entretenimento e consumo cultural. A mem?ria ? usada estrategicamente, valorizando o passado como mercadoria cultural, de modo que se frua hist?ria e cultura nesses lugares. Ademais, o turismo ? uma activity que pode impactar cidades de quaisquer portes, com efeitos na reconfigura??o de espa?os e na cria??o de lugares e paisagens. As cidades s?o, a um s? tempo, lugares identit?rios (Aug?) e de mem?ria (Nora); espa?os de dispers?o, fragmenta??o e fluxos (Hannerz); espa?os de encontro e de conflito. As cidades tur?sticas, por outro lado, ? parte suas singularidades, necessitam criar atrativos ao visitante, despertar seu interesse e suscitar desejos de ali estar, ver e viver experi?ncias ?mpares, distantes do cotidiano, o que cria um imagin?rio sobre elas via narrativas dos moradores, viajantes e empresas de turismo. Este GT acolher? propostas que resultem de pesquisas emp?ricas sobre essas tem?ticas e promovam articula?es entre problemas te?rico/metodol?gicos, pr?prios aos dois campos disciplinares, ou enfoquem diferentes dimens?es anal?ticas sobre os temas

A(s) Feira(s) Central de Campo Grande

Autoria: Juliana Barbosa Lima e Santos Toyama

No ano de 2004, a Feira Livre Central de Campo Grande (MS) deixou de ser feita numa rua da cidade e desde então ocupa uma edificação implantada na Esplanada Ferroviária e renomeada como Feira Central e Turística. A edificação se trata de uma estrutura modular, com corredores ajardinados protegidos por uma cobertura feita em tenso-estrutura e possui elementos estéticos que remontam o estilo Shinden - arquitetura que era utilizada em épocas de Japão feudal, justificada sob a homenagem aos comerciantes de ascendência japonesa da feira. Se outrora a feira era um espaço misto e integrado de comércio, agora, protegida por grades e equipamentos de segurança particulares, ela é dividida em dois blocos principais: um destinado à gastronomia e outro, destinado ao comércio varejista. Este work procura refletir sobre os significados e contextos de sua transformação em cenário turístico, bem como a memória em torno da antiga Feira Livre Central. Nessa linha de raciocínio conseguimos observar existem sentidos diacrônicos nas dimensões do tempo, do espaço e da cultura. Compreender o tempo e o espaço como categorias tão importantes como a cultura para pensar a feira nos leva a perceber que a Feira Central, como a cidade, é um processo, e não um patrimônio cristalizado. Notamos assim que, também a Feira, como a cidade, não é apenas uma, mas várias: se por um lado ela é uma intervenção urbana, ela também é uma memória; se ela é a feira ?dos japoneses?, ela também é a feira dos artesãos; se ela é a feira do consumo, ela também é uma feira do trabalhador; se é uma feira para o turista, ela também é uma feira para o cidadão de Campo Grande; se ela é uma feira de distinção, ela também é uma feira de similaridades. Logo, decidimos organizar nesse work os olhares sobre este espaço e analisar as diferentes visões desse lugar simbólico e heterogêneo, bem como, buscar através

 ISBN: 978-85-87942-61-6

> das diferentes perspectivas que compõe esse lugar, o ângulo pelo qual discussões se encontram e geram significados.
> Trabalho completo

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Boas Vindas

A Associação Brasileira de Antropologia e a Universidade de Brasília dão as boas-vindas aos participantes da 31ª Reunião Brasileira de Antropologia! O encontro será realizado entre 9 e 12 de dezembro deste ano e traz como temática geral “Direitos Humanos e Antropologia em Ação”.

O início da nossa RBA se fará em contexto que precederá não só o novo governo eleito, como a nova Legislatura. Sua realização em Brasília permitirá dar maior visibilidade aos debates e reflexões antropológicas sobre os Direitos Humanos no Brasil.

Teremos atravessado o ano eleitoral que terá adicionado maior tensão ao atual contexto político. Hoje, estamos diante da crise econômica, do aumento das forças conservadoras e do decréscimo substantivo dos recursos financeiros necessários ao desenvolvimento da ciência e tecnologia, em especial das ciências humanas.

A temática desta Reunião visa refletir sobre a atual situação e o futuro dos Direitos Fundamentais inscritos na Constituição de 1988. Estão em risco os direitos ao reconhecimento e à territorialidade de indígenas, quilombolas e povos tradicionais, e aos direitos ambientais.

Da mesma forma, o Congresso Nacional alcunhou o conceito de gênero , de “ideologia de gênero” e retirou do Plano Nacional de Educação 2014/2020 as referências a procedimentos e medidas educacionais que visavam combater a discriminação de gênero. Deixou-se assim a descoberto no Plano educacional, ganhos importantes das movimentações sociais feministas, das movimentações pelos direitos à diversidade sexual, e das movimentações sociais pelo combate ao racismo que, de forma múltipla e/ou compartilhada, estimulavam e consolidaram estudos da interseccionalidade de gênero, sexualidade, raça e classe.

Depois de vários anos, pela terceira vez, (a primeira em 1984, a segunda em 2000), a Reunião será realizada na Universidade de Brasília. De 2000 para cá expandiram-se os programas de pós-graduação, departamentos e unidades que incorporam antropólogos/as em seu corpo docente e que incorporam conhecimentos antropológicos no seu ensino. Em especial, expandiu-se a incorporação de estudantes indígenas e de estudantes negros/as, pardos/as e de estudantes advindos das escolas públicas, nos cursos de graduação e nos de pós-graduação.

Contaremos com o apoio, não somente das áreas onde se congregam tradicionalmente os antropólogos/as, mas também dessas múltiplas áreas de ensino que na UnB se expandiram pela nucleação de estudos que incorporam a Antropologia nas áreas de saúde coletiva, artes visuais, educação e nos estudos que se dedicam aos povos tradicionais e questões ambientais.

Contaremos com o apoio relevante do Departamento de Antropologia e do seu Programa de Pós-graduação em Antropologia Social (PPGAS) criado o Mestrado em 1972, e, em 1981, o doutorado. O PPGAS se orgulha em manter os níveis mais altos da avaliação da CAPES através da prontidão contínua de seus/suas docentes e discentes.

Teremos o apoio do Instituto de Ciências Sociais (ICS), e de seus/suas docentes e discentes. Congrega os Departamentos de Antropologia (DAN), Sociologia (SOL) e Estudos Latino- Americanos (ELA). O ICS é responsável pelo curso de Ciências Sociais e suas habilitações em Antropologia (Bacharelado), Sociologia (Bacharelado) e

 ISBN: 978-85-87942-61-6

Ciências Sociais (Licenciatura) e pelos Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Programa de Pós-Graduação em Estudos Comparados sobre as Américas.

Teremos também o apoio do Centro de Desenvolvimento Sustentável (CDS), que oferece o curso de Mestrado em Sustentabilidade junto aos Povos e Terras Tradicionais (MESPT); o apoio da área de Saúde Coletiva da Faculdade de Ceilândia (FCE); da Faculdade de Saúde Coletiva (FS); da Faculdade de Educação (FE); do Instituto de Artes (IDA)e o forte apoio da Reitoria e da Administração Superior da UnB.

Brasília é um dos espaços que mais abriga antropólogos e antropólogas que desenvolvem atividades profissionais em órgãos do Estado, em órgãos da Justiça e do Ministério Público e em organizações não governamentais. Esse cenário permitirá sua forte contribuição aos debates e a maior visibilidade da área.

E, por fim, Brasília cada vez mais se apresenta como uma cidade com importância turística, ambiental, qualidade de vida e relevância dos movimentos sociais.

Um grande abraço de Boas Vindas,

Lia Zanotta Machado - Presidenta da ABA
Diretoria da ABA 2017/2018
Comissão Organizadora da 31ª RBA

Realização: **Apoio:** **Organização:**